

DO EVANESCENTE A EVANIRAI: UM CONFRONTO DE  
SOLUÇÕES NARRATIVAS

Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins

Mestrando em Teoria Literária, UFSC

“Em nosso jardim há florestas e pausas.”

Guimarães Rosa, "Evanira!"

*Ave, Palavra*<sup>1</sup> : dentre as obras póstumas de João Guimarães Rosa publicadas nesta miscelânea<sup>2</sup>, uma se destaca de maneira peculiar. Trata-se de "Evanira!"<sup>3</sup>, texto de cunho literário que diverge radicalmente dos textos canônicos do escritor mineiro; quer de sua obra capital *Grande Sertão : Veredas*, quer dos contos por ele publicados em vida.

"Evanira!" destaca-se do conjunto sugerindo ser um ensaio lúdico com a linguagem. Neste sentido, aproxima-se de um outro ensaio, radical, do poeta paulista Haroldo de Campos: *Galáxias*<sup>4</sup>. Mas sua peculiaridade não se resume a isso. Há neste texto de Rosa um diálogo latente com a tradição filosófica pré-socrática, notadamente com Empédocles de Agrigento. Por este viés de leitura "Evanira!" está a comunicar-se também com as ciências contemporâneas que nos apresentam os novos paradigmas da fractalidade e da catástrofe.

Eis, em breves palavras, as aproximações que se pretende no decorrer destas linhas, e que, sem prejuízo de outras, constituir-se-ão em chaves de leitura possíveis para o texto de Guimarães Rosa ora sob o foco interpretativo.

Embora "Evanira!" não seja um texto filosófico, dialoga em sua

especificidade literária ele com esta cepa de nossa tradição cultural. A relação dialógica entre ambos realiza-se pelo viés ontológico. "Evanira!" não pretende resolver o problema ontológico; este surge, ao longo do texto, como um desdobramento atual de uma origem remota, a causa-sem-cause em sua produtividade incessante e inefável: "o narrador tenta, em repetidos ímpetus, narrar o inarrável"<sup>5</sup>. E é como se o próprio ato narrativo já se constituísse em manifestação daquela causa primeira. Para melhor explicitar esta perspectiva de leitura, convém desde já apresentar o matiz filosófico, tal como foi sistematizado por Empédocles de Agrigento.

Este filósofo, natural da colônia de Agrigento na Sicília, apresenta-nos como causa ontológica, não um princípio único, mas a ação conjunta de quatro elementos: o fogo, o ar, a terra e a água. Estes elementos, ao aglutinarem-se em proporções diversas, sob a ação do amor, e/ou dissociarem-se pela força do ódio, engendrariam todo o existente, aí inclusos sensações e conhecimento. Neste sentido, "a sua doutrina pode ser vista como uma primeira síntese filosófica. Substitui a busca (...) de um único princípio das coisas" (...) e "combina ao mesmo tempo o ser imóvel de Parmênides e o ser em perpétua transformação de Heráclito, salvando ainda a unidade e a pluralidade dos seres particulares"<sup>6</sup>. "Nele", segundo a apreciação de Hegel, "parece que a penetração do pensamento na realidade e o conhecimento da natureza chegaram a uma maior amplitude." Seu sistema "mais se aprofunda na perspectiva real - uma formação da filosofia da natureza ou da consideração da natureza"<sup>7</sup>.

De fato, a ação dos quatro elementos, orientados pela dualidade de princípios Amor / ódio, parece apontar para a multiplicidade de todas as formas possíveis na natureza, muitas delas escapando ao domínio de qualquer valoração racional ou estética: "Muitas cabeças sem pescoço

germinaram,/ e nus erravam braços desprovidos de ombros,/ e olhos sozinhos vagueavam privados de fronte”<sup>8</sup>. “Solitários erravam membros...”<sup>9</sup>. “(Monstros) de pés torcidos e inumeráveis mãos...”<sup>10</sup>. “Muitos de ambíguo rosto e de ambíguo peito nasciam,/ bovinos de figura humana, e ao contrário surgiam/ humanos de cabeça bovina, híbridos em parte de homens,/ em parte raça de mulher de umbrosos membros ornada”<sup>11</sup>. Trata-se de uma natureza processual diante da qual não há que se cogitar em axiologias de criação ou de termo. Há apenas o processo vital de aglutinação e dissociação no interior do qual o próprio filósofo se inclui: “não há criação de nenhuma dentre todas/ (as coisas) mortais, nem algum fim em destruidora morte,/ mas somente mistura e dissociação das (coisas) misturadas/ e o que é, e criação isto se denomina entre homens”<sup>12</sup>. “Mas eles quando em forma de homem misturados à luz chegam,/ ou em espécie de animais selvagens, ou de plantas,/ ou de pássaros, então isto dizem que se gerou,/ e quando se separam, então que houve infausta morte;/ o que justiça não chamam, por costume falo também eu”<sup>13</sup>. Nietzsche, neste ponto, estabelece um diálogo entre Empédocles e as teorias evolucionistas: “entre as inumeráveis formas monstruosas e impossíveis da vida, pode-se encontrar algumas que sejam bem formadas e aptas para a vida; a boa adaptação determina o número dos seres existentes. Os sistemas materialistas jamais abandonaram essa idéia. Temos uma aplicação particular dela na teoria de Darwin”<sup>14</sup>.

Evolutionismos à parte, entremos logo no diálogo que temos em mira.

“Evanira!” captura já de início a atenção do leitor, conhecedor das doutrinas de Empédocles: **Evan + ira!** Se o segundo termo aglutinado na construção do título está a sugerir uma relação dialógica direta com o ódio do sistema filosófico, com **Evan-** temos uma comunicação mediatizada pela

própria indecidibilidade do signo em sua dimensão literária e, até mesmo, mítica: “Evan - ser pertencente ao grupo das Las na religião etrusca. Geralmente concebido como feminino, é por vezes representado na forma masculina. Sugeriu-se que Evan possa ser uma representação da imortalidade pessoal. // Lasas - seres femininos do panteão etrusco; são representadas com ou sem asas, portam guirlandas e espelhos como atributos e, muitas vezes, aparecem ricamente adornadas de jóias. São encontradas com frequência no séquito da deusa do amor Turan. (...). Como os gênios as lasas devem ser abordadas como seres pessoais e sobrenaturais”<sup>15</sup>.

Neste confronto dos sentidos dialogantes fica-se com a impressão de que alguma coisa se perdeu: **Evan**- não corresponde exatamente ao amor como princípio aglutinador de Empédocles, mas associa-se a ele apenas por aproximação: Evan, entidade mitológica, não é a deusa do amor, embora pertença a seu séquito. Estamos diante de uma perda de valor, de uma crise instaurada pelo deslocamento do princípio original.

Joãpáulino, narrador de "Evanira!", sugere uma solução metafísica para este deslocamento na causa ontológica: “Deus não estuda história. Deus expede seus anjos por todas as partes”<sup>16</sup>. Mas Deus não se revela com facilidade, e a postulação metafísica de Deus como causa-sem-causa, como entidade criadora, diverge da concepção de processualidade prefigurada pelo filósofo de Agrigento. A própria idéia da divindade, para sermos coerentes com a sistematização formulada, é decorrente da ação dos quatro elementos orientados pela dualidade de princípios: “e árvores germinaram, e também homens e mulheres,/ e feras e pássaros e peixes que se criam na água,/ e mesmo deuses de longa vida em honra supremos./ Pois estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros/ tornam-se de outra espécie; tanto por mistura se permutam.”<sup>17</sup>. Então, embora presente no texto literário

com o qual nos ocupamos, o percurso transcendental parece não ser o mais vigoroso para a solução da crise. Ela será resolvida em imanência pelo narrador que, incluso na processualidade subjacente da natureza, não renuncia a posicionar-se como fonte deflagradora de sentidos. Esta maneira peculiar de resolver a crise diverge radicalmente da solução encontrada pelo crítico-narrador de *Galáxias*.

Detenhamo-nos um pouco na comparação entre os dois textos:

“e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso”<sup>18</sup>

“E o ar. Eu estava ainda só, tudo estava só, ai-de-quem. ali, naquele incongruir, na interseção de estradas, multiversante eu - soez, Joãpaulino, tediota - nos brejos do Styx. Apenas o que se imiscui em infusos antros e inigmias idades. (Mas, eu, Vinhamme.) Minha vida: margens. (...) Vínhamos, nós dois, SEM SABER QUE vivíamos, vínhamos - do jamais para o sempre”<sup>19</sup>.

Estas são as aberturas respectivamente dos textos de Haroldo de Campos e Guimarães Rosa. Em rápida análise de sintaxe, o olhar do leitor defronta-se com a coordenada adicionando, à guisa de fragmentos, estas enunciações a todas as outras possíveis, numa presentidade sem fronteiras. O tempo circunscreve-se nos limites da própria enunciação e o começo faz referência, não a uma ontologia remota, mas tão-somente ao ato de dizer. Contem-se o ato enunciador, na coerência com o sistema filosófico, dentro da processualidade já aludida da natureza, constituindo-se ele em si mesmo

na manifestação atual da causa primeira. De certa maneira estas considerações estão a conferir à forma a sua primazia em detrimento do conteúdo. E com isso delimita-se também o procedimento desta leitura.

Tanto *Galáxias* quanto "Evanira!" não se pretendem textos totalizadores; neles, a totalidade só é possível enquanto fragmento, parcelas mínimas de enunciação. Se a filosofia de Empédocles, como observou Hegel, aponta para as formas possíveis da natureza, temos agora, sob o crivo do olhar, dois textos literários que estão a apontar para a multiplicidade das formas e dos sentidos da cultura. Índice seguro da discussão que ambos os textos estabelecem com a forma é a dificuldade, e mesmo a impossibilidade, de enquadrá-los genericamente a não ser como ensaios transgenéricos. Evanira! constitui-se em um texto fragmentário em sete capítulos que, sem realizarem os atos de um drama, possuem sinopses introdutórias a realizarem a função dos indicadores de cenas dos textos teatrais. Outros indicadores estão presentes, distribuídos ao longo do texto. O tom poético da enunciação por vezes o aproxima das formas da cultura popular que, através de quadras em redondilhas, molda o seu saber de amor e de saudades: "lá do céu caiu um cravo/ cai uma rosa também:/ quem não ama e tem saudades/ está à espera de alguém" <sup>20</sup>. De *Galáxias* registre-se que, numa espécie de posfácio à sua obra, Haroldo de Campos se lhe referiu como um "texto imaginado no extremar dos limites da poesia e da prosa, pulsão bioescritural em expansão galática entre esses dois formantes cambiáveis e cambiantes (tendo por imã temático a viagem como livro ou o livro como viagem, e por isso mesmo entendido também como um "livro de ensaios")" <sup>21</sup>.

O migrar contínuo de todas as formas, prefigurado em Empédocles como fisiologia da natureza e metaforizado no ensaio das formas textuais em Guimarães e Haroldo, instaura para o sujeito-narrador uma crise de matiz

existencial: como resolver o problema de sua própria existência em um universo em contínua transformação, fractal e aparente? Os narradores de "Evanira!" e *Galáxias* estão a divergir radicalmente nas soluções apontadas para a crise. Antes de anunciá-las atualizemos nosso viés de leitura com as ciências e o pensamento contemporâneo.

Os pré-socráticos, como precursores na indagação, formularam seus sistemas pioneiros. Hoje, os tempos sendo outros, o pensamento incrementado pelo aparato técnico a sua disposição, os homens de ciência falam ainda de possíveis soluções para o mesmo problema, agora veiculado em linguagem diversa. O que era elemento fundamental para Empédocles - ar, água, terra e fogo - recebeu da física quântica o título genérico "quark". Referindo-se aos componentes do átomo, durante muito tempo aceito como a unidade mínima de matéria, fragmento fundamental, Frei Betto apresenta-nos a nova terminologia devolvendo-nos à esfera de Empédocles: "a diferença entre prótons e nêutrons é que os primeiros são positivamente carregados e, os segundos, como o nome diz, neutros. Também os distingue o fato de serem constituídos por quarks de 'cores' e 'sabores' diferentes - up, down, charm, strange, bottom e top - o que cria a força de atração que, dentro do átomo, forma o núcleo. Este, eletricamente carregado, atrai os elétrons, formando o átomo, que é neutro. Porém, quando os átomos estão muito próximos entre si, suas forças elétricas desencadeiam uma atração que os une para formar as moléculas. Enfim, toda a estrutura material do Universo é feita a partir desse jogo amoroso que agrega partícula por partícula"<sup>22</sup>.

Mas o amor nestas relações já não é o mesmo princípio aglutinador do sistema filosófico. Ele se desloca na metáfora literária de Guimarães Rosa. Aglutinado à ira, permite-nos o prazer estético de "Evanira!". Com as ciências contemporâneas, estes princípios organizadores da materialidade perdem

sua estatura para o determinismo imprevisível dos atratores estranhos. Os atratores fazem transmutar a terminologia de Empédocles, tornando-as alegóricas. Habitamos um lugar de espaço-tempo finito onde todas as órbitas e todas as formas são possíveis, onde tudo é possível, onde somos possíveis. Uma forma no interior dele, o olhar humano, em funções, defronta-se com a universalidade das formas que em escala, do micro ao macro, se repetem, determinando assim a nova fisiologia da natureza. “A natureza forma padrões. Alguns são ordenados no espaço, mas desordenados no tempo; outros, ordenados no tempo mas desordenados no espaço. Alguns padrões são fractais, evidenciando estruturas auto-semelhantes em escala”<sup>23</sup>.

Inquietam-nos ainda os velhos problemas sobre os quais se debruçaram os filósofos longínquos. Qual o sentido da vida nesta metamórfica universalidade que, ao mesmo tempo que nos tem inclusos em sua processualidade, nos faz pensantes e individualizados pelo uso da razão? Como lidar com nosso fim individual, com a morte que a todo instante nos espreita?

À processualidade da natureza corresponde, na esfera da cultura, uma orbitação excessiva, espécie de catástrofe pelo excesso muito bem evidenciada por Jean Baudrillard: “se fosse caracterizar o atual estado de coisas, eu diria que é o da pós-orgia. A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da liberação em todos os domínios. Liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação das forças destrutivas, liberação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, liberação da arte. Assunção de todos os modelos de representação e de todos os modelos de anti-representação. Total orgia de real, de racional, de sexual, de crítica e de anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento. Percorremos todos os caminhos da produção e da superprodução virtual de



objetos, de signos, de mensagens, de ideologias, de prazeres”<sup>24</sup>. Neste ponto, Baudrillard nos devolve a nós mesmos com a indagação: “Hoje, tudo está liberado, o jogo já está feito e encontramos-nos coletivamente diante da pergunta crucial: O QUE FAZER APÓS A ORGIA?”<sup>25</sup>. Ele mesmo ensaia respostas amargas e conclusivas: “Só podemos agora simular a orgia e a liberação, fingir que prosseguimos acelerando, mas na realidade aceleramos no vácuo, porque todas as finalidades da liberação já ficaram para trás, e o que nos preocupa, o que nos atormenta é essa antecipação de todos os resultados, a disponibilidade de todos os signos, de todas as formas, de todos os desejos. Que fazer então? Isso é o estado de simulação, aquele em que só podemos repetir todas as cenas porque elas já aconteceram - real ou virtualmente. É o estado da utopia realizada, de todas as utopias realizadas, em que é preciso paradoxalmente continuar a viver como se elas não o estivessem. Mas, já que o estão e já que não podemos ter esperanças de realizá-las, só nos resta hiper-realizá-las numa simulação indefinida. Vivemos na reprodução indefinida de ideais, de fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás e que, no entanto, devemos reproduzir numa espécie de indiferença fatal. (...) Já não há modo fatal de desaparecimento, mas sim um modo fractal de dispersão”<sup>26</sup>.

Ante uma natureza em constante transformação e uma cultura que parece esfacelar-se pelo congestionamento dos sentidos, os narradores dos dois textos literários parecem se posicionar diversamente. O narrador de Galáxias, com sua enunciação impontuada, de maneira niilista, renuncia à produção de sentidos transferindo ao leitor esta atividade cognoscente. E, com efeito, o leitor é quem irá construir a escritura a partir da linguagem que aflora do próprio texto galático. Os sentidos são assim construídos nas pausas da leitura. No ofegar da leitura eles exsurgem, para realizarem uma ou

duas cabriolas no ar antes de mergulharem novamente desaparecendo no fluxo da linguagem. Talvez eles ressurgam mais adiante, agregados a um outro já na superfície, em processo de emersão.

O fragmento inicial de Galáxias, apresentado anteriormente, se impregnado com o hálito mais próximo do que imaginamos ter sido a respiração dos antigos filósofos, ganha um novo sentido: e começo aqui, e meço aqui este começo, e recomeço, e remeço e arremesso. E aqui me meço: quando se vive sob a espécie da viagem, o que importa não é a viagem, mas o começo dá por isso, meço por isso.

O começo dá por isso, pelas medidas que tomamos do percurso: para nós só percurso e medidas - sempre um recomeço. Em um mundo saturado deles, o narrador de Galáxias recusa-se, exime-se da responsabilidade de outros sentidos. Eles estão ali, latentes, à espera do leitor que assumirá para si a função da escritura.

“Vejo-te, meu íntimo é solúvel em ti.”

(Guimarães Rosa; Evanira!)

A solução figurada pelo narrador de "Evanira!" demonstra-se através do diálogo estabelecido com as alegorias de Empédocles. Joãpaulino, neste aspecto, recusa-se à passividade. Através de um engajamento produtor de sentidos, ele próprio encaminha as soluções: “abro a paisagem (...) ATRAVERSO-A, como a um não-mar, a um não-lugar - EU, SAARONAUTA... (...) EU ESTAVA ALI, CHEIO DE MENTE,/ NAS MARGENS DO MEU MAR DE MORTE,/morada de ninguém; apenas minha? (...) DEVO ADQUIRIR MAIS SILÊNCIO,/ MAIS ESPERA,/ MAIS BRANCURA”<sup>27</sup>.

Este narrador do texto de Guimarães Rosa sabe-se frágil: “ME

SEPARO DE UM MILHÃO DE COISAS. Uno-me. (...) NA CASA DO AMOR TUDO ERA FRAQUEZA (...) e a vida são sempre outros rumos / que não os nossos.”<sup>28</sup> Sentindo em si o deslocamento do princípio ontológico amor/ódio e a crise existencial ante a mobilidade constante das formas, Joãpaulino instaura um terceiro princípio, para ele o único acessível, donde retira as forças necessárias para encaminhar os sentidos narrativos. Então, em sua própria fragilidade ele opõe-se à passividade. Acompanhemos este novo princípio - a saudade - através das sinopses introdutórias de cada capítulo: “Cap. I - Dois seres, trazidos todo o modo a um bosque, descobrem que, imemorialmente, se amam. Mas o irromper do amor coincide com a necessária separação. Sozinho o Narrador, sua alegria é mesmo assim imensa: vê-se transmutado; a esperança se convida com o sentido senso da eternidade. (O Narrador tenta, em repetidos ímpetos, narrar o inarrável).

“Cap. II - Sobrada solidão do Narrador, sua alegria, aos poucos, substituindo-se, em sutil, pela saudade. Ele volta ao lugar em que aquele amor marcara de revelar-se. A saudade consome sua esperança, e invade por inteiro o Narrador - que experimenta, inutilmente, discuti-la.

Cap. III - A saudade esvai-se, e o Narrador teme que, sem ela, a vida o induza, retrocedido, a charcos e cavernas, onde a alegria-verdade daquele Amor para sempre se perca: no mundo das larvas.

Cap. IV - O Narrador vai morrer. Mas a saudade retorna, e luta - defendendo-o do medo e contra a sorte. (Ele sente que a saudade está sempre a seu lado, ainda que muda.)

Cap. V - O Narrador sabe-se transformado novamente e que passou por uma espécie de morte, propiciatória e necessária. (Descobre que, já antes de encontrar a Amada, tinham saudade, sem o saber - e que a própria, e ignota, fora que os trouxera ao lugar consagrado.

Cap. VI - O Narrador se reconhece em novas alturas de amor e adivinha o trabalho da saudade. A Amada e ele voltam a encontrar-se.

Cap. VII - Narrador e Amada imploram que a saudade nunca os abandone, livrando-os dos gelos que entorpecem, da opacidade que retarda, do sangue que corrompe e das trevas que separam. (Não há fim.)<sup>29</sup>.

O que era fogo em Empédocles, Joãpáulino faz arder como saudade, pulso criador: “Às vezes, a saudade dá labaredas. A FONTE SE EMITE”<sup>30</sup>. Sua ação, produtora de sentidos, de certa maneira ameniza o turbilhão de uma natureza processual. Assim, ante o que era ar para o filósofo, o narrador se oculta em terceira pessoa para o reclamo: “- ÀS ASAS! ÀS ASAS! - sussurra-se, no tumulto cessante”<sup>31</sup> Asas para ganhar o ar, para, associado à sua força, elevar-se numa espécie de auto-superação (de si mesmo). Ele traça assim sua marca vital na organização do processo. Afinal, “Um organismo vivo tem o ‘dom supreendente de concentrar uma ‘correnteza de ordem’ sobre si mesmo e com isso escapar da deterioração do caos’ ”<sup>32</sup>.

A saudade, no entanto, não exclui os princípios originais. Estes permanecem inacessíveis; a causa ontológica permanece inacessível, tanto é que tal questão ainda se coloca, em outros termos, para os filósofos e homens de ciência da atualidade. O que Joãpáulino inaugura com a saudade é uma chave de acesso à processualidade: nada sabemos com certeza do instante inicial, do tempo zero. Mas podemos adentrar na processualidade corrente como elementos ativos e produtores de sentido. Podemos também

recuperar o amor, não como princípio aglutinador original, mas como alteridade. Nisto consiste a exemplaridade deste narrador. O amor, para ele, prefigura-se no outro. E é no âmago deste outro que a crise será resolvida:

“A amada: (- ‘Para que encurtar conversa?’). Foi um minuto: os relógios todos do mundo trabalhavam. Vejo-te, meu íntimo é solúvel em ti.”<sup>33</sup>

#### Conclusão:

Antes de encerrarmos o passo desse estudo, acompanhemos ainda um instante o que prescreveu Teofrasto, um dos doxógrafos de Empédocles:

Empédocles fala de todos os sentidos de modo semelhante, afirmando que se tem sensação ao adaptarem-se os poros de cada sentido. (...)a sensação consiste na adaptação aos poros: o prazer (na adaptação) aos semelhantes segundo as partes e segundo a mistura; a dor (na adaptação) aos contrários.

Do mesmo modo Empédocles se exprime com relação à sabedoria e à ignorância. A sabedoria seria própria dos semelhantes; a ignorância dos dessemelhantes, de sorte que a sabedoria é para ele a mesma coisa que a sensação ou está muito próxima. Após haver enumerado como cada coisa é conhecida pelo semelhante, acrescenta no fim: ‘pois, destes (os elementos), todos se constituíram harmonizados, e por estes é que pensam. sentem prazer e dor.’ (É o fragmento 107). Por isso também conclui que é próprio sobretudo o pensar, pois sobretudo por ele é que se misturam os elementos das partes.

Portanto, aqueles para os quais a mistura se faz igualmente e entre partículas que sejam de dimensões iguais e convenientemente espaçadas, não sendo, aliás, nem grandes demais nem pequenas demais, estes são os mais inteligentes, e seus sentidos são os mais perfeitos; em seguida vêm em proporção os que disso se aproximam; os que, ao contrário, se afastam o mais (deste estado) são os menos inteligentes. Os elementos em partículas grosseiras e espaçadas fazem os homens lerdos e desajeitados; se são, ao contrário, condensados e reduzidos a partículas muito diminutas, os movimentos do sangue são mais vivos, e o próprio homem será mais disposto e ágil, empreendendo muitas coisas sem contudo chegar ao fim. (...).

Ele (...) não tratou, de maneira aceitável, do prazer e da dor, quando atribui o primeiro à ação dos semelhantes, a segunda à dos contrários (...). Ele confunde de um lado o pensamento, a sensação e o prazer, de outro o sofrimento e a ignorância, visto que produz estes dois últimos pelos dessemelhantes; portanto, seria necessário que o sofrimento se originasse na ignorância e o prazer no pensamento<sup>34</sup>.

Talvez não haja aí contradição alguma. Procurou-se demonstrar ao longo destas linhas a exemplaridade de dois narradores que, ante a dor vivida, quer como deslocamento do princípio ontológico, quer como crise ante a transitoriedade das formas em um universo em contínuo movimento, arquitetaram soluções que, apesar de divergentes, não perdem a sua validade.

Com um enunciar contínuo a lembrar a oralidade dos mantras pronunciados por aqueles que, através de uma quietação dos sentidos, visam

à extinção da própria individualidade e à emancipação final, integrando-se *sine conditio* à processualidade a tudo subjacente, apresenta-nos o narrador de Galáxias em suas entrelinhas uma sabedoria quase budista que para ele poderá deflagrar o êxtase do Nada. Para Joãpaulino, ao contrário, há um prazer no conhecimento ativo, ação do sujeito que visa a deixar suas próprias marcas no turbilhão processual das formas, mesmo ciente de sua transitoriedade e da utopia das soluções últimas:

- Só a saudade é sempre necessária.
- É preciso recriá-la sempre, tê-la conosco (e às árvores deste jardim, primevo, o único)...
- É preciso cumprir e ser, em seus domínios; recompor sua coisa de sonho, ACHAR-LHE AS PORTAS.
- A ESTREITA PORTA.
- Meu amor, cheio de estrelas. Além! Além!<sup>35</sup>.

### Notas

1. ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. Rio, José Olympio, 1978.
2. Em nota de Paulo Rónai à primeira edição do livro de Rosa temos apontado que “Guimarães Rosa definiu o *Ave, Palavra* como uma ‘miscelânea’, querendo caracterizar com isto a despreensão com que apresentava estas notas de viagem, diários, poesias, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações, tudo o que, aliado à variedade temática de alguns poemas dramáticos e textos filosóficos, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica em jornais e revistas brasileiros durante o período de 1947 a 1967.” Esta nota de Paulo Rónai encontra-se reproduzida na edição

consultada para a realização deste estudo.

3. ROSA, João Guimarães. Evanira!, op. cit., p. 32 a 39.  
Op. cit., p. 201.
4. CAMPOS, Haroldo de. Galáxias. SP, Ex Libris, 1984.
5. ROSA, João Guimarães. Evanira!, op. cit., p. 32.
6. Empédocles de Agrigento. Dados Biográficos. In: Os Pensadores. v. Pré-Socráticos. SP, Nova Cultural, 1996, p. 163.
7. HEGEL, Georg W. F. Preleções sobre a História da Filosofia. In: Os Pensadores. op. cit., p.193.
8. Empédocles de Agrigento. Fragmento 57. Os Pensadores, op. cit., p. 181.
9. Idem ibidem. Fragmento 58, p. 181.
10. Idem ibidem. Fragmento 60, p. 182.
11. Idem ibidem. Fragmento 61, p. 182.
12. Idem ibidem. Fragmento 8, p. 174.
13. Idem ibidem. Fragmento 9, p. 174.
14. NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Filosofia na Época da Trágica Grega. In: Os Pensadores.
15. LURKER, Manfred. Dicionário de Deuses e Demônios. SP, Martins Fontes, 1993.
16. Evanira! op. cit., p.32.
17. Empédocles de Agrigento. Fragmento 21. Os Pensadores. op. cit., p. 177.
18. CAMPOS, Haroldo de. op. cit., não paginado.
19. ROSA, João Guimarães. Evanira! op. cit., p.32.
20. Idem ibidem. p. 32.
21. CAMPOS, Haroldo de. op. cit., não paginado.
22. BETTO, Frei. A Obra do Artista. SP, Ática, 1995 p.
23. GLEICK, James. Caos. A Criação de uma Nova Ciência. Rio, Campus,



1990. p. 296.

24. BAUDRILLARD, Jean. A Transparência do Mal. Ensaio Sobre os Fenômenos Extremos. Campinas, Papyrus, 1992.p. 9

25. Idem ibidem.

26. Idem ibidem. p. 10.

27. ROSA, João Guimarães. Evanira! op. cit., p. 32, 35, 36 e 37.

28. Idem ibidem, p.33.

29. Idem ibidem, p.32, 33, 35, 36, 37 e 38.

30. Idem ibidem, p. 34.

31. Idem ibidem. p.32.

32. SCHÖDINGER, Erwin. apud: Gleick, James. op. cit. p. 287

33. ROSA, João Guimarães. Evanira! op. cit. p.33.

34. Teofrasto. Da Sensação. In: Os Pensadores. op. cit. p.167, 168, 169 e 171.

35. ROSA, João Guimarães. Evanira! op. cit., p. 39.